

Guerra: o seu negócio está preparado?

Renato Ribeiro

Olhando para a história, percebemos momentos bem definidos de expansão, estagnação e recessão - política, econômica e social. Uma rápida passagem a partir do século XV, temos o colonialismo em busca de uma ampliação territorial, com a desculpa de "evangelizar" os povos. Uma época marcada pela segunda Revolução Agrícola, com o desenvolvimento de novas técnicas de plantio e colheita.

Em seguida, temos o imperialismo/neocolonialismo e suas metrópoles, apoiados em interesses comerciais internacionais, em consequência do início da Revolução Industrial com o uso de maquinário em substituição ao sistema de manufatura. Uma revolução financiada pela burguesia capitalista, que pressionava o Estado em busca de matéria-prima e novos mercados.

Todos estes períodos são marcados com guerras isoladas entre países e suas ambições, uma fase de ascensão de economias e poderio militar das nações. Em especial para os países europeus, liderados pela Inglaterra, que dominavam os mercados mundiais impondo seus produtos, políticas e cultura, sustentados pela ideologia do darwinismo social (superioridade).

Época de muita luta e embargos para os povos da África e Ásia, com destaque para a tão sofrida China, que perdeu várias batalhas e acabou sendo retalhada moral, econômica e politicamente pelos países vencedores. Paralelamente, temos na França o surgimento do pensamento socialista (primeira etapa do comunismo) como forma de contraposição ao sistema capitalista.

Entre 1871 e 1914 (Belle Époque), temos o período entre guerras marcado pela paz, nascimento da cultura cosmopolita, novas formas de pensar e o surgimento de tecnologias com a segunda Revolução Industrial. Foi considerado como a era de ouro até que as luzes se apagassem com o início da Primeira Guerra Mundial, entre a Tríplice Aliança (Alemanha, Áustria-Hungria e Itália) contra a Tríplice Entente (França, Inglaterra e Rússia).

Foi com um pensamento otimista de rápidas e gloriosas vitórias que, em julho de 1914, os países entraram na Grande Guerra com a certeza de que retornariam para suas casas antes do Natal. Entretanto, isso não aconteceu, o que se constatou foi uma grande proporção de recursos envolvidos e 20 milhões de vidas perdidas, durante longos 4 anos sangrentos, com o uso de armas químicas.

A Primeira Guerra foi deflagrada pelo assassinato do herdeiro austríaco, entretanto, escondia uma intensa luta pelo poder mundial, desencadeando uma corrida armamentista e fortes políticas protecionistas – com destaque para o crescimento da Alemanha, que ameaçava a hegemonia britânica.

Paralelamente, em 1917, acontece a Revolução Russa, com a queda do último sistema feudal e a implantação do primeiro país socialista frente ao capitalismo. Ao "fim" da guerra – com a destruição da Europa –, os EUA se consolidam como a principal economia mundial, aproveitando-se da euforia que tomou conta no período entre guerras.

Porém em 1929 (Grande Depressão), o sistema capitalista liberal praticado nos EUA foi questionado depois de registrar uma queda na bolsa de valores de Nova York (400 bilhões de dólares em valores atuais), o que causou um efeito dominó e derrubou todas as economias mundiais.

Em 1939, com a reestruturação alemã liderada por Hitler e suas ideologias nazistas, a instabilidade do capitalismo e uma série de problemas mal resolvidos da guerra anterior, inicia-se a Segunda Guerra Mundial. Registrando cerca de 85 milhões de mortes e 7,5 trilhões de euros, com danos causados em valores atuais, além de revelar atrocidades jamais vistas.

Em 1945, com o declínio da Alemanha e duas bombas atômicas – que contabilizaram a morte de mais de 250 mil pessoas –, acontece o término da guerra. E uma pergunta nos bastidores: quem dominaria Berlim primeiro: EUA/capitalismo ou URSS/socialismo?

"Guerra improvável, paz impossível", frase de Raymond Aron, um comentarista político que resumiu muito bem o clima de tensão instaurado durante o período da Guerra Fria (1947 - 1991), no qual os Estados Unidos e a ex-União Soviética (Rússia) disputavam o domínio do sistema financeiro mundial. Uma grande batalha ideológica e de interesses entre capitalismo e socialismo, que levou duas grandes potências a investirem fortemente em novas tecnologias militares e espaciais.

Ao final da 2ª Guerra Mundial, com a demonstração de força apresentada pelos EUA, outros países (em especial a Rússia) iniciaram a construção de suas armas de destruição em massa. Em 1986, foram contabilizadas 64 mil bombas nucleares em todo o mundo, algumas com poder de destruição 300 vezes maior que a jogada em Hiroshima. Estima-se que atualmente existam cerca de 15 mil ogivas prontas para serem lançadas, o que ocasionaria nas primeiras 5 horas a morte de 34 milhões de pessoas (sem contar feridos e as mortes que ocorreriam no decorrer do conflito), segundo estudo feito pela Universidade de Princeton.

Vale destacar a ascensão da China que, em 1949, com a revolução comunista liderada por Mao Tsé-Tung, saiu das condições miseráveis para se tornar uma das lideranças mundiais da atualidade. Esta transformação teve um custo alto com milhares de mortes em razão da fome e opressões feitas pelo Estado, que cobrava da população uniformidade, coesão e compromisso em troca de melhores indicadores sociais. Para aumentar a produtividade, a China violou direitos trabalhistas, propriedade intelectual, meio ambiente e direitos humanos, passando a seguir um modelo econômico denominado socialismo de mercado.

Esta corrida econômica e militar entre os países originou um enorme avanço tecnológico, alinhado com a produção de mercadorias. Iniciando a 3ª Revolução Industrial e o surgimento de empresas líderes de mercado que duelam por clientes globais. Já fez a sua escolha? Apple ou Xiaomi; Amazon ou Alibaba; Google ou Baidu; Facebook ou WeChat.

A essência do comunismo busca estabelecer uma sociedade igualitária, por meio da abolição da propriedade privada e do próprio Estado. Entretanto, o que vemos em países socialistas é a presença forte do Estado e a prática comercial avassaladora, que ignora os interesses dos proletários. É utópico acreditar na dissolução destes governos centrados na mão de pequenos grupos e influenciados pela nova burguesia, liderada pelas "big techs".

Hoje, multinacionais detêm um vasto conhecimento humano, extraído de dados analisados nas últimas décadas. E isto não está restrito a empresas de tecnologia, é um novo modelo onde a matéria-prima são os usuários e a moeda as informações, também conhecido como capitalismo de vigilância. Neste momento, corporações passaram a ter muito mais dados do que o próprio governo.

De um lado, EUA acobertam empresas com discursos hipócritas sobre respeito à liberdade e, de outro, China assume que explora os dados dos cidadãos a favor de uma suposta ordem e desenvolvimento social. O fato é que vivemos a era do "colonialismo de dados" e do "neofeodalismo", praticados tanto por instituições públicas quanto privadas – independente do regime econômico.

Estamos entrando na 4ª Revolução Industrial (convergência de tecnologias digitais, físicas e biológicas), capaz de turbinar exponencialmente a espécie humana com recursos sem precedentes, além de transformar mercados existentes. Este novo campo de possibilidades tem criado entre Washington, Pequim e Moscou, um clima de tensão crescente – intensificado pela pandemia. Travam guerras comerciais e com demonstrações militares, que vão de mísseis hipersônicos a redes de comunicação quântica via satélite. Todos querem garantir os interesses das "suas empresas" com sistemas de "bem-estar social".

"Se quisermos que tudo continue como está, é preciso que tudo mude", Giuseppe Tomasi di Lampedusa. Mudar é preciso, faz parte da natureza humana. Entretanto, para alcançarmos resultados positivos, precisamos pensar mais como indivíduos e agir como sociedade. A resposta está no "e" ao invés do "ou", pense nisso e garanta a sobrevivência do seu negócio!